

David Haziot

# Van Gogh

*Tradução de* PAULO NEVES

[www.lpm.com.br](http://www.lpm.com.br)

**L&PM** POCKET

## Um túmulo acusador?

Desde o seu nascimento, Vincent Willem Van Gogh viveu em dificuldade. Nasceu em 30 de março de 1853, exatamente um ano após uma criança natimorta chamada, como ele, Vincent Willem Van Gogh.

O túmulo desse primeiro Vincent se achava a poucos passos da igreja onde o pai oficiava como pastor de Groot Zundert, pequena aldeia rural de uma centena de habitantes no sul da Holanda. Assim, tão logo aprendeu a ler, o pequeno Vincent pôde ver seu nome como em seu próprio túmulo. Ele seria um eterno substituto.

Para os psicólogos e psiquiatras, essa situação cria na criança uma grande culpa em relação ao desaparecido, pois o sentimento de ter provocado tal morte por ter nascido, por existir, se impõe no núcleo de sua personalidade. Para justificar sua existência, a nova criança deve dilatar o próprio ego ao infinito realizando prodígios ou contentar-se em ser nada e desaparecer, se não tiver energia bastante. Além do mais, quem era esse morto que tinha o seu nome? Rivalizar com um irmão ou uma irmã já é difícil; mas com um morto, um desconhecido do qual tudo se pode supor, cujo ser se abre como um abismo de maravilhas no imaginário? O que fazer para merecer estar vivo? A existência de Van Gogh teria se apresentado como uma dívida a pagar.

Um outro pintor teve de enfrentar bem mais tarde uma situação análoga: Salvador Dalí foi precedido de um outro defunto Salvador Dalí amado pelos pais. O pintor teria reagido com um desapego absoluto e humorístico de si, perpetuamente predestinado ao fracasso e a recomeçar sempre.

Vários argumentos tendem a moderar essas explicações.

Em primeiro lugar, a mortalidade infantil, na metade do século XIX, ainda fazia com que uma situação como a de Van Gogh ocorresse com frequência, e era de tradição dar o nome do filho falecido ao que vinha ao mundo depois dele. O enraizamento cultural dessa prática retira-lhe o caráter

excepcional ou mesmo assustador que pode ter aos nossos olhos. Além disso, é preciso saber que na família de Van Gogh o avô de Vincent se chamava Vincent Van Gogh, e que um irmão do seu pai, rico comerciante de obras de arte, também se chamava Vincent Willem Van Gogh! E houve dois outros Vincent mais antigos, dos quais o pintor teve certamente conhecimento nessa família que conserva registros há séculos e conta com vários pastores. Outros tios do pintor receberam, como segundo prenome, às vezes Vincent, às vezes Willem... É algo que dilui o impacto do túmulo homônimo, sem reduzir completamente o seu poder.

Já que esse tio rico Vincent Willem não tinha filhos, é provável que os prenomes do nosso Vincent (e do irmão natimorto) tenham sido dados em sua honra como para solicitar-lhe o apadrinhamento, o que Vincent obteve até certo ponto. Por fim, convém voltar às observações limitativas de Freud a propósito de Leonardo da Vinci: numa situação psicológica idêntica à dele, um outro indivíduo teria certamente sido o inverso de Leonardo. Nem todas as crianças nascidas após um irmão morto e de mesmo nome se tornaram – longe disso – artistas como Van Gogh e Dalí. Resta um mistério cuja elucidação possível Freud remete ao substrato biológico da pessoa.

Mas, a nosso ver, o mistério permanece irreduzível, pois uma personalidade é o resultado de uma tal complexidade e quase infinidade de forças, grandes ou pequenas, agindo em todos os sentidos, *mas todas eficientes*, que é impossível dizer o que o indivíduo fará em cada etapa do seu desenvolvimento. Sua marcha é tão caótica como a dos planetas dos quais não se pode mais dizer com certeza onde estarão para além de um horizonte preditivo que se calcula; o aleatório torna-se assim o fundo da existência do sujeito. Em outras palavras, diremos que Van Gogh era livre para ser ou não ser o que ele foi.

A presença sepulcral de um irmão morto do qual ele tinha o nome foi uma das forças atuantes na sua vida entre uma série de outras, que em sua maior parte desconhecemos. Um sublime aspecto de luz durante um passeio em um campo na

Holanda pode ter sido tão determinante quanto essa questão. É o que sabe toda pessoa confrontada com a criação artística. Pois a obra de Van Gogh nem sempre é triste ou trágica. Ela respira às vezes uma incomparável felicidade de existir. Uma biografia, portanto, deve apresentar com humildade alguns referenciais sobre um fundo de ignorância, mas sem mitos, se não para atingir uma transparência impossível do artista, pelo menos para amá-lo e apreciar suas obras com mais profundidade, respeitando sua liberdade ou aquele “inarredável núcleo de noite” em cada um de nós de que falava André Breton.

## Ascendentes

Se o pai de Van Gogh, o pastor Theodorus, era um homem um tanto apagado, sua família não era uma família comum. Desde o final do século XVII, havia entre os Van Gogh muitos pastores, comerciantes de obras de arte ou trefiladores de ouro (no século XVIII), geralmente bem-sucedidos.

O avô e homônimo do nosso Vincent era pastor na região de Breda. Teve cinco filhas e seis filhos: Hendrik Vincent, livreiro e depois pintor; Johannes, vice-almirante da frota holandesa; Willem Daniel, cobrador de impostos; Vincent Willem, comerciante de obras de arte; Theodorus, pastor e pai do pintor; Cornelius Marinus, galerista em Amsterdã.

Os Van Gogh, portanto, são por tradição homens de excelente instrução, bem-informados, empreendedores, inteligentes, tendo pelo menos boas relações.

Quanto à mãe de Vincent, Anna Cornelia Carbentus, oriunda de uma conhecida família de encadernadores de Haia, ela possuía, de acordo com os testemunhos, uma prodigiosa habilidade não apenas com as agulhas de tricô, mas também com o lápis ou o pincel. Obras assinadas por ela, que chegaram até nós, mostram o notável talento para a pintura dessa mãe que adorava os vegetais e as flores. Além disso, ela tinha uma espantosa facilidade para escrever cartas e enviou centenas delas a amigos, parentes ou conhecidos. Era dotada de temperamento alegre; Vincent a pintou sorridente a partir de uma foto. Esse caráter devia compensar a austeridade do marido, visível em desenhos e fotografias.

Pode-se dizer, com base nesses fatos, que Vincent\* estava programado para escolher entre as carreiras de pastor, comerciante de quadros ou pintor. De fato, ele tentou abrir um caminho nas três direções e foi um epistológrafo

---

\* Chamaremos de “Vincent” o pintor Van Gogh. Era assim que ele assinava e gostava de ser chamado. Os donos de albergue, de café e as pessoas simples que o amaram chamavam-no apenas de “sr. Vincent”.

incomparável. Assim, por suas escolhas, Vincent segue a linhagem de uma tradição familiar.

Acrescentemos uma inegável fragilidade psicológica na família, atestada pelo menos em duas gerações. Vários Van Gogh são sujeitos a “crises” que os abatem e os mergulham, por um tempo mais ou menos longo, numa grave depressão. São, então, incapazes de trabalhar ou de agir. A irmã do pintor, Wilhelmina, morreu num asilo psiquiátrico em 1941, aos 79 anos; o riquíssimo tio Cent foi também muito depressivo. Cor, o irmão mais moço de Vincent, teria se suicidado na África do Sul etc.

Um outro dado é a situação do lar familiar quando do nascimento de Vincent e seu clima afetivo.

O pai de Vincent, Theodorus Van Gogh, era um homem de 27 anos quando foi nomeado pastor na aldeia de Groot Zundert, em 1849. Casou com Anna Cornelia Carventus dois anos mais tarde. Ela era a irmã da cunhada dele, pois o irmão, Vincent Willem, o comerciante de quadros, havia desposado uma jovem Carventus e foi ele que apresentou Anna ao pastor. Os dois irmãos casaram com duas irmãs, o que aumentou a forte ligação que os unia.

Anna, porém, tinha três anos a mais do que o marido: nascida em 1819, casou-se com 32 anos de idade, o que era bastante tarde para a época. A morte do seu primogênito, no ano seguinte, foi ainda mais dolorosa porque seu tempo para ser mãe era exíguo. A chegada do nosso Vincent quando ela tinha 34 anos foi certamente acolhida com grande alegria, mas num clima um tanto melancólico.

Quanto ao pai, embora chamado de “simpático pastor”, tinha talentos oratórios medíocres, e seu posto em Zundert, numa aldeia próxima à fronteira belga, católica em maioria, nada tinha de empolgante. Era um pastor humilde, apagado, às margens do protestantismo, na situação pouco invejável de responsável religioso de uma minoria. Sua carreira posterior, em outras comunidades, nunca lhe permitiu elevar-se muito alto; ele se manteve sempre num emprego medíocre. Testemunhos tanto de protestantes quanto de católicos lhe reconhecem uma grande bondade.

Em Groot Zunder, onde permaneceu até os dezessete anos de Vincent, o pastor precisava andar durante duas horas para visitar seus fiéis mais afastados, pois a comunidade rural era vasta. Por sorte ele gostava do passeio no campo, gosto que transmitiu amplamente aos filhos. Essas longas caminhadas eram para o pastor uma fonte constante de alegria. Até o final da vida, ele se abaixava para examinar com atenção pequenas flores e plantas.

Embora o meio de origem do pintor esteja longe de ser miserável, é marcado por tristeza, angústia, mediocridade e dificuldades financeiras crônicas, à medida que nascem os irmãos e irmãs de Vincent, pressionando-o para buscar uma saída.

Mas, antes da entrada em cena de Vincent, algumas palavras sobre a situação histórica da Holanda nos parecem necessárias. Ainda que em sua correspondência ele mostre um vivo interesse pelas ideias da Revolução Francesa, Vincent é de uma indiferença notável pelos acontecimentos políticos do seu tempo, e seus biógrafos costumam seguir-lhe os passos. Mas esse pintor, com seus temas característicos, não é alguém nascido em qualquer lugar, em qualquer época.

Havia acabado o tempo do século de ouro das Províncias Unidas, o século XVII, quando a Holanda teve a maior marinha do mundo e produziu artistas ou pensadores como Rembrandt ou Spinoza. Depois da Revolução Francesa, Napoleão anexou o país dividido em departamentos franceses. Em 1815, por iniciativa dos ingleses vencedores, foi formado um reino que reunia a Holanda, a Bélgica e Luxemburgo sob a autoridade de Guilherme I, rei da Holanda. Supostamente criado para ser uma sólida barreira contra a França, esse Estado artificial nunca chegou a se impor.

O regime adotado, embora constitucional, era autoritário. Havia duas Câmaras: uma nomeada pelo rei, outra pelos Estados provinciais. Os ministros só eram responsáveis perante o rei; o orçamento era fixado a cada dez anos, e os rendimentos das colônias estavam sob a dependência única do rei. Essa autocracia disfarçada provocou a oposição dos belgas.

A Bélgica era então mais povoada do que a Holanda e se industrializava. Era católica, recusava a política religiosa

de Guilherme, e os valões, acostumados ao francês, não queriam de modo algum o holandês como língua nacional. Os belgas se insurgiram e, após a revolução de 1830, criaram um reino do qual Leopoldo I foi o soberano. Guilherme I recusou a separação e entrou num conflito que foi longo e exaustivo para a Holanda. Foi preciso a intervenção dos ingleses e dos franceses, em mar e em terra, para lhe impor a independência da Bélgica.

Ele abdicou em 1840 em favor de Guilherme II, seu filho, deixando um país vencido, com as finanças arruinadas, em pleno marasmo econômico, sujeito por vezes à escassez. O pai de Vincent tinha então dezoito anos e sua mãe, 21.

A Holanda tinha cerca de três milhões de habitantes e continuava sendo um país basicamente rural e mercantil, tirando seus principais rendimentos de uma política colonial cuja grande dureza foi estigmatizada por escritores e políticos. A indústria era inexistente, donde a ausência de um proletariado como entre os vizinhos belgas. Um país de comércio real, mas pouco florescente e um tanto sonolento nos campos – era como se podia vê-lo naquele momento.

Um movimento reformista surge e se acelera com a revolução de 1848, que vê Guilherme se alinhar, de forma surpreendente, ao lado dos liberais. Foi o começo de um renascimento da Holanda.

Uma constituição democrática, dentro dos limites da época, foi adotada; os liberais fizeram reformas, os negócios voltaram a crescer, e o país se desenvolveu graças aos rendimentos coloniais restituídos à nação, que permitiram a construção de ferrovias e grandes obras de drenagem. Além disso, foram feitos esforços para aliviar a dureza do regime nas colônias. O rei morreu em 1849 e Guilherme III iniciou um longo reinado, que terminou em 1890.

A infância de Vincent, portanto, esteve imersa no mundo rural de um país atrasado em relação aos seus vizinhos. Mas esse pintor que tanto representou camponeses e campos de trigo em seus quadros não era de origem camponesa como Millet – é o mínimo que se pode dizer: por mais longe que remontemos em sua genealogia, ninguém empunhou



uma enxada ou uma foice para sobreviver. O interior da casa dos Van Gogh compreendia um gabinete de trabalho para o pastor, uma biblioteca, e as crianças não se alimentavam só de batatas. Pode-se também supor que recebessem múltiplas doações em mantimentos feitas pelos fiéis do campo. E a mãe terá sempre uma serviçal para ajudá-la.

Quando Vincent começa a pintar, nos anos 1880, esse mundo rural não tem mais a mesma importância de trinta anos antes: a Holanda está em pleno desenvolvimento, mas Vincent olhará para os camponeses, virando as costas aos outros motivos e ao mundo mercantil que ele havia conhecido bem. Assim, a sua obstinação em pintar camponeses deve ser apreciada nesse contexto, e é daí que convém tirar sua significação.

# Caminhante solitário e selvagem

Embora se saiba pouca coisa sobre os primeiros anos de Vincent, conhecemos traços essenciais de sua personalidade incipiente que, somados à análise de sua correspondência, iluminam a trajetória do pintor. A infância, como mostrou Bachelard a propósito de Edgar Allan Poe, é o reservatório de sensações e percepções arcaicas carregadas de onirismo no qual um artista se inspirará a vida inteira. A verdadeira “formação” de Vincent está aí.

Notemos que dois irmãos e três irmãs vêm ao mundo depois dele: Anna Cornelia, que tem o nome da mãe, em 1855; Theodorus, dito Théo, em 1857, com o nome do pai; Elisabeth Huberta em 1859, que tem o nome de uma avó; Wilhelmina Jacoba em 1862, nomeada de acordo com outra avó; Cornelius Vincent em 1867, que tem os nomes de dois tios...

As raras testemunhas sobreviventes que conservaram lembranças de Vincent criança (um condiscípulo, uma serviçal, um carpinteiro) ficaram impressionados com seus cabelos de um ruivo flamejante, suas sardas e seus olhos azuis. Alguns falam de feiura. Todos lembram de um garoto taciturno, arredio, pouco sociável, difícil, indócil e entregue a si mesmo. Parece que as circunstâncias do seu nascimento levaram os pais a mimá-lo e a lhe permitir tudo.

Muito independente, ele partia como um gato selvagem ao campo, afastando-se da casa paterna para longas explorações na natureza, às vezes percorrendo até dez quilômetros de distância. Observador agudo, era fascinado pelas flores raras, sabia onde encontrá-las, conhecia todos os recantos da região, tinha paixão por insetos e animais aquáticos, que sabia capturar; era capaz de designar todos esses animais pelo nome, etiquetava os coleópteros que colecionava como um naturalista, examinando os menores detalhes da anatomia. Alguns biógrafos falam de aptidões

científicas, mas sabemos desde Da Vinci que a pintura é antes de tudo uma ciência do olhar. Convém antes imaginar um garoto lançado em imensos devaneios durante esses passeios solitários.

Uma relação íntima, definitiva, se teceu desde os primeiros anos entre essa criança, oriunda de um meio burguês e intelectual, e a natureza. Pois a felicidade está aí, nesse universo a percorrer, cem vezes explorado, mas cambiante devido aos seus inesperados aspectos de luz. Vincent sempre virá beber dessa fonte. A caminhada continuará sendo para ele o momento de reencontrar-se, de voltar a si mesmo, de escapar das dificuldades da sociedade e de sentir, apesar de tudo, a felicidade de viver. Essa relação excepcional com a natureza, estabelecida desde a infância, funda a sua arte. Ele não cessará de repetir em cartas que a sua pintura deve ir em direção à natureza, ao real, afastando-se do motivo moderno ou histórico: nada de estações ou vias ferroviárias, nada de ruínas e nada de imaginário.

Interrogado, Henri Hoppenbrouwers, um ex-colega, disse que ele “gostava de fazer sozinho longas e numerosas caminhadas através dos campos”. E acrescenta: “Vincent se isolava na maior parte do tempo para ficar vagando durante horas nos arredores e mesmo muito longe da nossa aldeia”.<sup>1\*</sup>

A correspondência confirma fartamente esses testemunhos e nos permite ir mais longe. A caminhada, como vimos, era uma paixão entre os Van Gogh, que a praticavam assim como outros vão ao teatro. Muito antes de se tornar pintor, Vincent se estende, nas suas cartas a Théo, em relatos admiráveis de caminhadas. Onde quer que vá – e ainda não é pintor –, ele busca um meio de caminhar durante longas horas. Escutemo-lo em alguns exemplos colhidos nos seus começos, entre dezenas de outros.

“Penso ainda várias vezes naquela caminhada pela estrada de Rijswijk onde fomos beber leite no moinho, depois da chuva.”<sup>2</sup>

---

\* As notas numeradas encontram-se no final do livro, p.333. (N.E.)